

**SOBRE CONTOS E RECONTOS: NOTAS ACERCA DA
FIGURAÇÃO DA PRINCESA E DO SIMBOLISMO EM “KALINDA,
A PRINCESA QUE PERDEU OS CABELOS”, DE CELSO SISTO¹**

*ABOUT TALES AND RETELLINGS: NOTES ON THE FIGURATION OF THE
PRINCESS AND SYMBOLISM IN “KALINDA, A PRINCESA QUE PERDEU OS
CABELOS”, BY CELSO SISTO*

Débora da Costa Oliveira (UEG)²

Vanessa Gomes Franca (UFG)³

RESUMO: Neste artigo, analisamos o texto “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, de Celso Sisto, um reconto de uma narrativa africana do povo wakamba, evidenciando sua aproximação com as narrativas feéricas europeias, tendo em vista que, por mais distintas que tais culturas sejam, elas apresentam como plano de fundo a experiência humana. Como aporte teórico-crítico utilizamos os trabalhos dos autores: Cavalcanti (2004), Chevalier e Gheerbrant (2009), Coelho (1998), Corso e Corso (2006), Khéde (1990), Lody (2004), Macêdo (2017), Ramalho (2020), Tatar (2004), Von Franz (1985).

PALAVRAS-CHAVE: Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos. Reconto africano. Contos de fadas. Princesa. Simbolismo.

ABSTRACT: In this work, we analyze the text “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, by Celso Sisto, a retelling of an African narrative of the Wakamba people, showing its approach to European fairy narratives, considering that, however distinct

¹ Uma versão desse artigo foi apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Estudos Literários e ensino de literatura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em 2020.

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura, da rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás, ministrando aulas tanto no ensino fundamental como no ensino médio. É graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás. Na Graduação, participou de projeto de Iniciação Científica, tendo sido bolsista do programa do CNPq PIBIC-AF. É Especialista em Estudos Literários e ensino de Literatura pela mesma universidade. Atualmente, é discente no programa de Mestrado PPG-IELT da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Suas pesquisas se concentram em estudos sobre: leitura e escrita, gêneros do discurso, análise do discurso, narrativa brasileira contemporânea, (re)contos africanos e o papel da mulher na literatura.

³ Doutora e Mestre em Letras e Linguística (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás e licenciada em Letras Português/Francês pela mesma universidade. Entre 2017 e 2018, desenvolveu a pesquisa de Pós-doutorado O personagem escritor e a questão da narrativa metaficcional na Literatura Infantil e Juvenil brasileira, no PPGLL da Faculdade de Letras da UFG, com bolsa PNPd/CAPES. Atualmente, é professora da disciplina Literatura infantil e juvenil na educação básica no curso de Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Desenvolve pesquisas, principalmente, nos seguintes temas: Literatura Infantil e Juvenil brasileira; Metaficção; Bestiário medieval; Cronística dos séculos XVI e XVII; Narrativa brasileira moderna e contemporânea; Tradução. É membro do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea” (CNPq/UFG) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP). Faz parte da Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental.

these cultures are, they present human experience as a background. We use the works of the following authors as theoretical-critical support: Cavalcanti (2004), Chevalier and Gheerbrant (2009), Coelho (1998), Corso and Corso (2006), Khéde (1990), Lody (2004), Macêdo (2017), Ramalho (2020), Tatar (2004), Von Franz (1985).

KEYWORDS: Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos. African retelling. Fairy tales. Princess. Symbolism.

Introdução

Embora devamos reconhecer que o conto maravilhoso sofre transformações históricas, inclusive alguns contos passaram por modificações de tal monta que resta perguntarmos se dizem o mesmo que diziam antes, podemos supor que, se eles sobrevivem, é porque nos tocam de determinada forma e que provavelmente algo foi preservado de seu arranjo inicial. Caso contrário, teriam perdido a força, o encanto e cairiam no esquecimento.

Diana Lichtenstein Corso e
Mário Corso

“Era uma vez...” e “E viveram felizes para sempre”, essas são as típicas frases que iniciam e fecham muitos dos contos de fadas tradicionais. “Era uma vez...” é a chave de entrada para um mundo maravilhoso e encantador, que abre as portas da imaginação com suas personagens. São fadas, duendes, bruxas, ogros, animais falantes, camponeses, reis, rainhas, príncipes e princesas que povoam as narrativas maravilhosas, vivendo conflitos, sonhos, medos, vencendo provas e inimigos. “E viveram felizes para sempre” é o fechamento de tais narrativas, a vitória

do bem sobre o mal, a garantia do final feliz.

Esse conteúdo maravilhoso dialoga com as tentativas do homem de encontrar ou dar sentido para aquilo que ele não consegue compreender. Nelly Novaes Coelho (1998) destaca as fontes orientais e célticas como raiz do conteúdo maravilhoso que permeia muitas das narrativas populares que deram origem aos contos de fadas, às lendas, às fábulas. Histórias de outras culturas, como aquelas africanas, são inundadas do mesmo universo maravilhoso, que, segundo Cavalcanti (2004), são respostas provisórias sobre o desconhecido e o mistério. Assim, esses textos se aproximam por terem a experiência humana como plano de fundo. Por isso, não raro, além da atmosfera maravilhosa, muito dos temas dessas narrativas célticas, orientais, europeias e africanas são coincidentes.

O livro *Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos, e outras histórias africanas*, de Celso Sisto, é composto por cinco narrativas de diferentes povos e regiões

da África. Nelas, podemos perceber ecos de outras histórias (ou será que são seus ecos que vemos em histórias outras?). Segundo Denise Ramalho (2020), nas narrativas dessa obra,

[c]omo nos contos de fadas de tradição europeia, aqui também há princesas que sofrem, meninas exploradas por madrastas, meninos que sobrevivem pela sua esperteza, meninas que buscam solução para suas dores na magia [...], acentuando o fato de que o imaginário não possui fronteiras e, por mais distantes ou distintas, as culturas se aproximam no humano.

A estudiosa Marie-Louise Von Franz (1985, p. 21) comenta sobre a relação dos contos africanos e europeus, enfatizando a semelhança que há entre eles: “Tendo estudado contos de fada por um bom período, cheguei à conclusão de que existem típicas ramificações europeias e africanas de contos de fada, e embora possa me enganar com a troca de nomes de tais contos, é ainda bem visível o parentesco entre eles”. Se há a relação entre contos de fadas europeus e africanos, esse parentesco pode se estender para outros tipos de narrativas, como a lenda, a fábula, o mito.

Tendo isso em vista, neste artigo, analisamos a narrativa “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, tecendo considerações a respeito de algumas

aproximações entre a protagonista da narrativa e as princesas dos contos de fadas tradicionais. Além disso, comentamos o simbolismo dos cabelos de Kalinda na obra. Para o desenvolvimento do nosso trabalho, utilizamos como aporte teórico-crítico: Cavalcanti (2004), Chevalier e Gheerbrant (2009), Coelho (1998), Corso e Corso (2006), Khéde (1990), Lody (2004), Macêdo (2017), Ramalho (2020), Tatar (2004), Von Franz (1985).

Celso Sisto e os recontos africanos

A obra *Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos, e outras histórias africanas*, publicada em 2016, é do autor Celso Sisto, carioca e especialista da área de Literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Além disso, possui graduação em Artes Cênicas, Educação Artística e Artes Visuais, o que explica a sua multiplicidade artística, já que, além de

escritor, é ilustrador, ator, contador de histórias e arte-educador⁴.

Sisto já lançou mais de setenta obras, dentre elas: *Ver-de-ver-meu-pai* (1994); *Mas eu não sou lobisomem!* (1996); *O encantador de serpentes* (1997); *Francisco Gabiroba Tabajara Tupã* (1999); *A noiva do diabo* (2000); *Angelina* (2006); *Histórias das terras daqui e de lá: humor* (2007); *Vozes da floresta: lendas indígenas* (2011); *Rosalva, mãos de fada* (2012); *Vó que faz poema* (2016); *Luz dos meus olhos* (2017).

O autor ganhou diversos prêmios durante sua carreira, dentre eles: o de Autor Revelação, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1994, com o livro *Ver de ver meu pai*; o de Ilustrador Revelação, também da FNLIJ, em 1999, com a obra *Francisco Gabiroba Tabajara Tupã*; o de Livro do Ano Açorianos, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, em 2011, com *Diáfana*; o Selo Altamente Recomendável – Categoria Criança, da FNLIJ, em 2013, com *Rosalva, mãos de fada*.

Celso Sisto tem se dedicado a ler, estudar, contar e recontar histórias de diversos povos africanos, evidenciando a diversidade cultural e o imaginário daquele continente. Ao comentar a sua relação com os contos africanos, o escritor afirma:

Os contos africanos são os que mais me atraem. Gosto de tudo: do nome dos personagens, do respeito às tradições, das tramas, dos elementos distintos, enfim, de todas as coisas que fazem África ser um continente fascinante. Neste livro sou também ilustrador. E confesso: gostei demais de dar materialidade para esses personagens que estavam, para mim, apenas no plano do imaginário! (SISTO, 2016, p. 13).

Consoante Rosa Maria Cuba Riche (2012, p. 229), “[a]s narrativas de expressão oral, colhidas no contexto onde circulam, marcadas pela subjetividade e introjetadas no imaginário coletivo africano, estão cada vez mais vivas e chegam às mãos dos leitores brasileiros mediante traduções e inúmeros recontos”. Segundo a estudiosa, no Brasil, a década de 1980 marca “o início das publicações de uma geração de escritores-pesquisadores que

⁴ As informações a respeito da vida e obra do autor foram consultadas nos blogs: *Cavaleiro andante* (<https://celsosisto.blogspot.com/>), que é do escritor, e *Revista Biografia*

(<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2012/12/celso-sisto-ator-ilustrador-contador-de.html>).

vem se dedicando ao tema e publicando recontos e informativos” (RICHE, 2012, p. 230).

O escritor e ilustrador, ao falar de seu interesse por tais narrativas, declara: “Os contos populares africanos me devolvem as raízes do mundo. E trazem (imaginariamente) as vozes ancestrais para sussurrarem nos meus ouvidos” (apud FONTES, 2016). Devido a esse encanto pela temática, em sua tese *Bô sukuta! Kada kin ku su manera: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!*, Sisto traçou “um painel dos contos tradicionais africanos de transmissão oral recontados por escritores brasileiros, especificamente para o leitor infantojuvenil” (SISTO, 2012, f. 5).

Dentre as suas obras, destinadas às crianças e aos jovens, que são recontos de histórias africanas, podemos destacar: *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos* (2007); *O casamento da princesa* (2009); *A dona do fogo e da água* (2012); *O Acaçá de cada um* (2012); *Batu, o filho do rei* (2015); *O homem da árvore na cabeça* (2015). A partir de seus conhecimentos da cultura e das narrativas africanas, nasceu também *Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos, e outras histórias africanas*

(2016). O livro apresenta cinco histórias: “Alizué e a árvore do esquecimento” e “Messan, o camponês que ouvia a voz da natureza”, que são contos popó da antiga Costa dos Escravos, englobando Togo, Benin e parte da Nigéria; “Rafik, o menino do grão de ouro”, que consiste em uma narrativa popular da Argélia, situada ao norte e segundo maior país do continente africano; “Natula, a mulher dos beijos compridos”, que é um conto banto do sudoeste de Angola; e “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, objeto do nosso trabalho, que constitui uma lenda do povo akamba, wakamba ou kamba, localizado no leste da África.

Para recontar essas narrativas africanas, Celso Sisto fez algumas pesquisas e baseou-se em algumas versões e em alguns escritores. Para a lenda “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, o autor leu várias versões e uma delas foi a do escritor tanzaniano Tololwa M. Mollel, o qual possui diversas obras de contos populares. As demais narrativas tiveram como fonte o livro *Los cuentos pasan... leyendas e imágenes de la Costa de los Esclavos*, de René Trautmann. Segundo o escritor: “Quando se reconta uma história, existe a questão do respeito à tradição oral e da liberdade de conduzir

a narrativa de um jeito próprio, sem, contudo, estragar a essência da história” (SISTO, 2016, p. 6).

Princesa Kalinda: entre passiva e orgulhosa

Os contos de fadas apresentam personagens estereotipados, como: a bruxa malvada, a madrasta má, a fada bondosa, o sapo que vira príncipe, os ogros devoradores, o rei que cumpre a palavra, o príncipe corajoso, a princesa bela e submissa, dentre outros. Em relação às princesas, Sonia Salomão Khéde (1986, p. 22) salienta que, nas narrativas maravilhosas, elas “[...] são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas merecerão como prêmio o seu príncipe encantado (*Bela Adormecida, Gata Borralheira*)”.

As princesas dos contos tradicionais se mostram, em muitos momentos, solícitas, educadas, gentis, amorosas, bondosas, passivas. A sua passividade se dá pela sua objetificação como mulher, desde o casamento arranjado até a espera do beijo do seu príncipe encantado que lhe devolverá a vida. A esse tipo de princesa, a quem ficou eternizada a

imagem da mocinha resgatada por um príncipe e que geralmente é a mais divulgada em nossa sociedade patriarcal, é condicionado um destino feliz, geralmente, relacionado ao casamento.

No conto “Branca de Neve”, versão dos irmãos Grimm, a princesa, que é a mais bela de todas, precisa de figuras masculinas para ser salva (caçador, anões e príncipe) e sua passividade acontece também pelo seu “sono letárgico” (CORSO; CORSO, 2006, p. 84). De acordo com Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, das “princesas dos contos de fadas, a Bela Adormecida é a mais passiva, a começar por seu nome. Sua característica principal é a beleza inerte, objeto de cuidado e de contemplação por parte da Corte e do seu príncipe, que vem a conhecê-la no sono enfeitiçado”.

Há ainda nos contos tradicionais, os exemplos de princesas orgulhosas. Estas, para que se redimam, “são submetidas a passar trabalho, necessidades e principalmente são privadas das vestes suntuosas e dos mimos que recebiam de seus pais na Corte” (CORSO; CORSO, 2006, p. 132). Em “O Rei Sapo”, dos irmãos Grimm, para acabar com o capricho da princesa, temos a

intervenção do rei, que faz a filha cumprir sua palavra.

Outro modelo que difere das princesas do primeiro padrão apontado, são as “princesas pérfidas, vingativas e más que visam matar, mutilar ou despojar seu pretendente” (KHÉDE, 1986, p. 23). A elas é reservado um fim trágico. Um exemplo de tais princesas está no conto “As três folhas da cobra”, dos irmãos Grimm, em que a princesa diz que somente se casaria com aquele que aceitasse ser enterrado com ela, caso ela morresse primeiro. Um príncipe que a amava concordou com as condições e eles viveram felizes, inicialmente. Quando ela morreu, ele foi sepultado com a esposa na cripta e ali encontrou três folhas mágicas e com uma delas ressuscitou a amada. Esta, não se alegrou com a atitude do príncipe, já que ele não havia morrido por ela. Assim, inconformada, matou-o com a ajuda de um amante. O criado do príncipe, que tinha ficado com as folhas mágicas, ressuscita o príncipe e este denuncia a princesa ao rei, o qual condena a própria filha à morte (PULLMAN, 2014).

Além das já citadas, há as princesas guerreiras ou princesas heroínas, aquelas que percorrem seus próprios caminhos, vencendo provas, derrotando inimigos,

às vezes salvando seus príncipes ou a si mesmas, como ocorre no conto “Pele de Asno”, de Charles Perrault. Nele,

[d]iferentemente de Cinderela, que sofre humilhações em casa e recebe pródigos presentes, a heroína dos chamados “contos pele de gato” é ágil, ativa e desembaraçada. Ela começa com uma forte afirmação de vontade, resistindo aos desejos paternos. Fugindo de casa, penetra num mundo estranho que exige que seja inventiva, vigorosa e empreendedora se quiser se reabilitar para reivindicar seu lugar na corte (TATAR, 2004, p. 214, grifo da autora).

Nos contos africanos, igualmente, encontramos essas figurações das princesas. Os arquétipos da princesa “bela, recatada e do lar”, a princesa pérfida e a princesa guerreira. As princesas guerreiras/heroínas “são caracterizadas como sendo independentes, fortes e corajosas. Elas enfrentam obstáculos com suas próprias forças e por esse motivo são descritas como Princesas Guerreiras” (MACÊDO, 2016, f. 67-68). Como exemplo dessa tipologia, Jhennefer Alves Macêdo (2016) cita as princesas Aqaltune, do livro *Aqaltune e as histórias da África*, de Ana Cristina Massa; Mipemba, da obra *A lenda da Pemba*, de Márcia Regina Silva; e Zacimba Gaba, do livro *Zacimba Gaba, a Princesa Guerreira: a*

história que não te contaram, de Noélia Miranda.

Na narrativa “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, a protagonista, como outras princesas dos contos maravilhosos, é retratada como uma bela moça: “E ninguém duvidada que ela fosse a moça mais bonita do mundo. Seu rosto reluzia como a superfície do lago banhado pela lua. Os olhos faiscavam como o céu estrelado” (SISTO, 2016, p. 13). A jovem, que é filha única, recebe todos os mimos de seu pai – não temos a presença da mãe na narrativa –, o rei, como flores, pedras preciosas, turbantes e ajudantes para lhe pentear os cabelos. Apesar de ser bela, que, como vimos, é uma das características das princesas dos contos de fadas tradicionais, Kalinda não se revela uma princesa gentil e benevolente. Ao contrário, ela se mostra uma moça egoísta e soberba. Em uma manhã, quando ela estava na fonte do jardim do castelo, surgiu um pássaro que lhe falou ter ouvido sobre os seus belos cabelos, por isso quis vê-los:

– Linda menina, seus cabelos são os mais bonitos que já vi. Falam deles em tantos lugares que eu queria vê-los com os próprios olhos. Kalinda abriu um sorriso tão lindo quanto as flores que trazia nas mãos. E respondeu cheia de satisfação:
– Fico contente em ter o mais adorável cabelo de todo o reino

de meu pai. **Aliás, sei que tenho o cabelo mais belo** que alguém poderia ter no mundo! – completou a moça, **cheia de altivez e com ligeira petulância** (SISTO, 2016, p. 14, grifos nossos).

Quando Kalinda diz: “sei que tenho o cabelo mais belo” (SISTO, 2016, p. 14), revela ao leitor um pouco da sua personalidade soberba e vaidosa. Além disso, o uso das palavras “cheia de altivez e com ligeira petulância”, pelo narrador, mostra-nos que a moça não aparenta ser gentil e altruísta, agindo com arrogância e presunção.

Após elogiar os cabelos de Kalinda, o pássaro pediu a ela um pouco deles, para que ele terminasse de construir seu ninho. A princesa ouviu o pedido da ave com indignação e respondeu: “– Como se atreve a me fazer um pedido como esse? Meu cabelo maravilhoso para ser usado num ninho de pássaro? Amo os meus cabelos mais do que qualquer outra coisa nessa vida! Vá embora ou chamarei os soldados de meu pai para prenderem você! (SISTO, 2016, p. 15). E ainda: “Não lhe darei um fio sequer do meu inigualável cabelo” (SISTO, 2016, p. 15). No decorrer do diálogo com o pássaro, notamos que a princesa, cheia de orgulho, desdenhou o pedido do pássaro. Ela não aceitou dar um pouco do

seu cabelo a ave, pois acreditava que algo tão “maravilhoso” e “inigualável” não pudesse ser utilizado para fazer um simples ninho. Assim, a sua personalidade, eminentemente, arrogante traça para Kalinda um destino trágico:

O pássaro sorriu e declarou:
– Você vai se arrepender,
adorável princesa – e cantou
majestosamente a enigmática
canção, que mais parecia um
aviso:
*Não se esqueça,
as folhas sempre caem na
estação seca,
e reaparecem na estação
chuvosa,
mas os cabelos da menina,
não.
Se caírem agora, quando
voltarão?* (SISTO, 2016, p. 14,
grifos do autor).

Depois de lançada a maldição, o pássaro bateu asas e foi embora, mas as suas palavras não. Elas ressoaram em Kalinda, que ficou confusa e com medo. As atitudes da princesa, seu modo de agir com o pássaro, esnobando o seu pedido, selam o destino da protagonista, que começou a ver o seu precioso cabelo cair na estação da seca:

O vento começou a soprar mais vezes, de todos os lados, dia e noite, trazendo sons estarrecedores e deixando rastros de desordem. Do lado de fora dos aposentos da princesa, as árvores logo ficaram nuas e em pouco tempo as folhas mortas cobriram o chão até se perderem de vista.

Com a princesa Kalinda não foi diferente. Seus cabelos começaram a cair e de um dia para o outro não sobrou um fio sequer no alto da cabeça. Mais do que nunca ela ia precisar dos seus turbantes coloridos (SISTO, 2016, p. 16).

Kalinda, por desobedecer “ao modelo clássico de virtude” (KHÉDE, 1986, p. 22), é condenada a ficar sem seus cabelos. O rei, vendo a tristeza da filha, prometeu encontrar uma solução. Então, convocou os sábios e os magos, mas ninguém conseguiu resolver o problema de Kalinda. Aqui, temos a primeira figura masculina, que tenta intervir na sorte da princesa, mas, não cabe ao rei salvar a filha. Como nos contos tradicionais, “não deverá ser o pai, apesar de quão forte seja o amor paterno-filial” (CORSO; CORSO, 2006, p. 136), que livrará a filha do feitiço.

Enquanto o pai estava tentando resolver o problema da filha, Kalinda “[p]assava horas chorando, mergulhada em grande arrependimento. Só conseguia dizer de si para si: ‘Como estou feia!’. ‘Sou a princesa mais horrorosa do mundo!’” (SISTO, 2016, p. 16). O choro, além de retratar o lado frágil da princesa, revela ainda a sua passividade, já que não realiza nenhuma ação para se livrar do feitiço e ter de volta seus cabelos.

Em uma noite, Kalinda sonhou com um rapaz, que estava dançando e cantando ao redor de uma árvore que produzia cabelos. Quando o sonho se repetiu, a princesa resolveu contá-lo ao pai. O rei, novamente, convocou os sábios e os magos, ordenando-lhes que encontrassem aquela árvore. Na busca, os soldados e os contadores de histórias foram consultados. “Mas ninguém de fato tinha visto nem ouvido falar da tal árvore” (SISTO, 2016, p. 18).

Vemos, nesse segundo momento da narrativa, figuras masculinas (rei, sábios, magos, soldados, contadores de histórias) que se empenham em livrar Kalinda daquela maldição, mas, não cabe a eles salvá-la. O papel de salvador será de Muoma, um jovem plebeu e solitário, “que vivia no meio da floresta e conhecia bem a língua dos pássaros, dos animais e das coisas que brotavam da terra” (SISTO, 2016, p. 18).

Ao ficar sabendo da convocação do rei para que todos os súditos procurassem a árvore que produzia cabelos, Muoma se apresentou ao monarca e lhe solicitou apenas mantimentos para a sua jornada. Ao receber as provisões, o jovem partiu levando também seu arco e suas flechas. Após dias afora viajando, o jovem chegou em uma pequena ilha deserta,

que tinha três árvores, uma de diamante, uma de ouro e outra de prata. Ao aportar ali, encaminhou-se em direção a elas. Houve, então, uma explosão no céu e a árvore de ouro ardeu em chamas. No momento em que o fogo acabou, ele encontrou vagens com feijões vermelhos, ao redor da árvore, e as recolheu. Depois disso, voltou rapidamente para o seu barco. Assim que estava velejando, encontrou o pássaro que havia rogado a maldição na jovem Kalinda. Muoma foi bondoso com a ave, dando-lhe de comer as vagens de feijão. Quando restava apenas uma, o pássaro disse: “– Ainda bem que você trouxe consigo essas vagens. Do contrário, eu o teria devorado. Agora volte para casa e diga à princesa para plantar esse último feijão em seu jardim. Só ela pode fazer isso. Só ela pode regar a semente com suas lágrimas em noite de lua cheia...” (SISTO, 2016, p. 21). Na volta para casa, Muoma enfrentou perigos, atravessou rios e montanhas, cuidando sempre de não perder a última vagem. “Por fim, como era um homem generoso e falava a língua dos animais, acabou voltando para a sua terra, sob a proteção de búfalos, zebras, gnus e antílopes” (SISTO, 2016, p. 21).

Muoma é o arquétipo do príncipe encantado. Segundo Khéde (1986, p. 22), os príncipes, ao contrário das princesas que são passivas, “[...] desempenham papéis ativos, heróicos e transgressores, servindo, muitas vezes, como intermediários, num resgate”. O jovem Muoma, como vimos, é valente, guerreiro, pois enfrenta os perigos da viagem, a fim de encontrar a árvore que produzia cabelos para libertar Kalinda da maldição. Já Kalinda, como as princesas passivas, fica limitada ao palácio, ao ambiente doméstico, enquanto espera seu salvador. Além disso, Muoma é o oposto de Kalinda, pois é bondoso, generoso, gentil, e tem uma relação especial com a natureza.

O papel de um príncipe, de um lenhador, ou de um jovem plebeu, nas narrativas dos contos tradicionais, geralmente, está associado à figura de um provedor, protetor, que parece não temer a morte, e que está à procura de grandes aventuras, ficando a cargo de ajudar ou salvar as jovens em perigo, como acontece no conto “Chapeuzinho Vermelho”, dos irmãos Grimm, em que o caçador salva Chapeuzinho e sua avó das garras do Lobo Mal; ou no conto “A Bela Adormecida”, de Charles Perrault, em

que o príncipe salva sua amada de ser comida pela mãe dele que é uma ogra.

No texto do autor Celso Sisto, a princesa Kalinda não é diferente de Chapeuzinho Vermelho ou de A Bela Adormecida, uma vez que ela conta com a virilidade de um jovem plebeu para acabar com a sua terrível agonia de viver sem seus cabelos. Assim, como uma princesa passiva, Kalinda espera por sua salvação, que será realizada por uma figura masculina.

Assim que chegou ao reino, Muoma entregou a semente da árvore dos cabelos e explicou o que Kalinda deveria fazer. A semente foi plantada e,

quando recebeu a primeira lágrima do arrependimento, imediatamente se transformou numa árvore tão alta que quase tocava o céu. A árvore, por sua vez, se encheu de flores vermelhas que, depressa, se transformaram em frutos, que logo se abriram derramando música no ar e de onde saíam fios de cabelos que desciam até o chão (SISTO, 2016, p. 22).

Muoma, então, colheu os fios de cabelos nascidos na milagrosa árvore e colocou na cabeça da jovem Kalinda e, assim, por dádiva de magia, seus cabelos voltaram ao normal. Ao verem o acontecido, todos no reino comemoraram. Muoma, por sua bravura e conquista, recebeu “o ouro prometido e o que ele mais queria secretamente desde que vira Kalinda

pela primeira vez: o amor da princesa. Casaram e viveram felizes por muito e muito tempo. Cercados de pássaros de todas as cores e tamanhos, que alegravam ainda mais a vida deles” (SISTO, 2016, p. 22).

Como comentamos anteriormente, as princesas orgulhosas, a fim de alcançarem a redenção, devem passar por algum tipo de necessidade, de provação. Para que Kalinda fosse punida por sua petulância e altivez, foi amaldiçoada a perder os cabelos e somente os recuperou após sofrer, arrepender-se e ser ajudada pelo bondoso Muoma.

Apesar de Kalinda ser condicionada a sofrer as consequências de seus atos, a princesa, após se arrepender, tem um final feliz, que não é diferente daquele dos contos de fadas tradicionais. “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, mesmo sendo uma narrativa de origem africana e remetendo a cultura e artefatos locais, característicos do povo akamba, retoma a típica frase de fechamento dos contos de fadas: “E viveram felizes para sempre...”, que é substituída por: “e viveram felizes por muito e muito tempo” (SISTO, 2016, p. 22).

Os cabelos e seu simbolismo

O simbolismo dos cabelos é algo que permeia variadas culturas e tradições. Em algumas delas, por exemplo, o cabelo pode estar ligado a uma religião, representar força, virtude, personalidade. Cortá-lo corresponderia a um ato pecaminoso, um sinal de fé, um rito, um sacrifício. Em determinadas crenças, o crescimento e força dos fios se deve as fases da lua, e essas práticas significam mais do que simples atos, são crenças que se perpetuam por gerações.

Segundo Raul Giovanni da Motta Lody (2007, p. 56), “tocar a cabeça, pentear os cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem”, apresentando diversas simbologias para povos diferentes, como mostram Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009, p. 155-156, grifo dos autores):

Na Rússia, a trança grossa e única é usada só pelas donzelas: é um signo de virgindade; depois de casada, a mulher usa duas tranças.

Pentear o cabelo de alguém é sinal de atenção, de boa acolhida [...].

Em um mito dos evenkis, é preciso que se faça uma bolsa dos cabelos trançados de todos os homens – um fio de cada homem – a fim de trazer de volta o *sol perdido*.

A mecha ou um fio do cabelo podem ser utilizados em cultos, representando assim a pessoa. Determinados povos acreditam que os cabelos, mesmo após cortados, mantêm relações com aquele que o possuía, simbolizando “suas propriedades ao concentrar espiritualmente suas virtudes: permanece[ndo] unidos ao ser, através de um vínculo de simpatia” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 153).

No mito bíblico de Sansão, o cabelo representava a sua força e a sua virilidade. Seus cabelos eram símbolo da sua consagração a Deus desde o ventre de sua mãe, não os podendo cortar. Por causa de seus cabelos, Sansão carregava consigo uma força inigualável, sendo capaz de derrotar exércitos. Desse modo, quando seus cabelos foram cortados por um filisteu, após Dalila revelar o segredo de sua força, Sansão perdeu seus poderes: “Ela adormeceu Sansão nos seus joelhos, chamou um homem e o mandou cortar as sete tranças da sua cabeleira. Assim começou ela a dominá-lo, e a sua força se retirou dele” (Juízes 16, 19).

No início da narrativa “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos”, é ressaltada a beleza da protagonista, que era tida como a jovem mais bonita do

mundo. Seu rosto e seus olhos chamavam a atenção,

[m]as eram os seus cabelos que encantavam as pessoas, pois além de terem uma cor especial, ainda eram adornados com pérolas e diamantes. E tocavam o chão, iluminando o caminho por onde ela passava e espalhando um suave perfume de madeira (SISTO, 2016, p. 13).

Os cabelos da princesa eram motivo de devoção e admiração. A respeito da simbologia destes, Chevalier e Gheerbrant (2009) destacam que seu corte e sua disposição podem possuir função social ou espiritual, individual ou coletiva. À vista disso, os longos e enfeitados cabelos de Kalinda parecem atestar sua posição social, como filha do rei. Além dos ricos adornos (pérolas e diamantes), a jovem recebia do seu pai flores, cristais, joias e turbantes, para ornar os seus cabelos. Na cultura africana, o uso de adornos pode estar relacionado, por exemplo, à arte, à religiosidade, à posição social, à beleza (LODY, 2004).

Para cuidar de seus cabelos, Kalinda tinha o auxílio de ajudantes, que a penteavam passando pomadas e óleos aromáticos. Ao penteá-la, eles cantavam com alegria:

Para crescer forte como uma árvore,

*Para resistir ao sopro do
vento,
Para correr como a água do
rio
Temos nossas mãos mágicas*
(SISTO, 2016, p. 13, grifos do
autor).

A canção cantarolada pelas ajudantes da princesa é um rito de afirmação para o crescimento dos fios, para que sejam lindos, fortes, saudáveis. Ademais, parece prever a ligação entre Kalinda e a árvore, e, conseqüentemente, o que irá acontecer a princesa. Esta, depois de enfeitada, saía passeando pelo reino, a fim de ser admirada por todos. Ela não exercia nenhum papel diretamente ativo nem tinha um cargo ao lado de seu pai, afinal isso seria cabível a um príncipe. Assim, a jovem era adornada apenas para ser observada, contemplada por sua beleza, por seus atributos femininos. A beleza e as características de Kalinda são fundamentais para relacioná-la às princesas belas e passivas dos contos maravilhosos, pois é dado ênfase em sua feminilidade.

Como falamos anteriormente, em um de seus passeios, a princesa encontrou um pássaro, o animal lhe pediu um fio de cabelo para construir seu ninho e ela, cheia de orgulho, desdenhou o pedido da ave. Esta, então, jogou-lhe uma maldição, fazendo com que Kalinda

perdesse seus cabelos na estação seca. Em algumas crenças, cortar os cabelos rente à cabeça simboliza penitência. Além disso, corresponde “não só a um sacrifício, mas também a uma rendição: era a renúncia – voluntária ou imposta – às virtudes, às prerrogativas, enfim, à própria **personalidade**” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 153, grifo dos autores). Como uma princesa orgulhosa, Kalinda é castigada, ficando privada dos cabelos, dos olhares admirados e desejosos. É a renúncia, nesse caso imposta, a sua personalidade presunçosa. De acordo com Lody (2004, p. 68): “A cabeça depilada também faz parte da estética dos penteados africanos. Assume significados geralmente religiosos e marca ritos de passagem quando a pessoa ocupa um novo papel social”. Desse modo, a perda do cabelo de Kalinda é símbolo do seu rito de passagem de uma fase a outra (da juventude à maturidade), do seu amadurecimento, já que, ao final da narrativa, a princesa se casa e passa a ter uma relação mais próxima com a natureza, representada pelos inúmeros “pássaros de todas as cores e tamanhos” (SISTO, 2016, p. 22) que cercam o casal. Ao sonhar com uma árvore que produzia cabelos, Kalinda contou ao pai. Apesar das tentativas do rei para que sua filha

tivesse os cabelos de volta, é o jovem Muoma que vai conseguir a semente da tal árvore, após empreender uma viagem e passar por alguns perigos. Para que a árvore crescesse, Kalinda precisaria regar a semente com suas lágrimas de arrependimento. Quando a árvore cresce, é também Muoma quem colhe os primeiros fios e os coloca na cabeça da princesa.

A relação do cabelo de Kalinda com o crescimento de uma árvore afirma a crença no rito de passagem, no amadurecimento. A árvore se renova a cada estação, suas folhas são trocadas e mudam de cor, a planta tem suas forças firmadas em suas raízes. Kalinda também se renovou ao perder os cabelos. Assim, estava “pronta” para o casamento, como acontece nos contos de fadas.

Para Corso e Corso (2006, p. 69), há duas significações para as tranças de Rapunzel: “por um lado, são o símbolo da continuidade entre mãe e filha – cortá-las é cortar o vínculo simbiótico; por outro lado, são também um corte no corpo de Rapunzel, a marca que a fará estar longe da mãe e, por sua vez, a capacitará para amar e ter filhos”. No caso de Kalinda, a perda dos cabelos simboliza o corte do vínculo com o pai,

tanto que ele não consegue solucionar o problema da filha, e sua ligação a outro homem, representada pelo casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, “Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos” apresenta ecos de outras culturas, de outros textos, que fazem parte de um conjunto de histórias, de um contar e recontar, que narram o homem e suas experiências. Por causa disso, foi possível aproximarmos o conto de uma narrativa africana do povo wakamba, retomado por Celso Sisto, e os contos de fadas europeus.

Em nossa análise, percebemos que a história de Kalinda remete a conflitos que se aproximam daqueles vividos pelas princesas dos contos de fadas de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, como, por exemplo, a maldição/castigo, o rito de passagem, a passividade. As mulheres desses contos de fadas, como mostramos, podem ser representadas como belas e passivas, orgulhosas, pérfidas e guerreiras. No entanto, a imagem mais divulgada em nossa sociedade ocidental, que é sustentada, principalmente, pelos contos de “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”, é a da princesa bela e passiva, que se casa ao final da narrativa.

Kalinda, em determinados momentos da narrativa, aproxima-se do estereótipo das princesas passivas, aos modos dos contos tradicionais, que devido a sua fragilidade e inércia, depende da figura salvadora masculina, para assim resolver seus conflitos, e serem felizes para sempre após o matrimônio. A protagonista também é retratada como uma princesa orgulhosa, já que se nega a dar um pouco de seus cabelos a um pássaro, para que ele terminasse seu ninho. Assim, devido a sua arrogância e altivez, é amaldiçoada a perder os cabelos.

De acordo com Corso e Corso (2006, p. 87), a “maldição prescreve algo que o futuro não poderá evitar, como crescer, amar e partir”. A maldição para Kalinda, então, serviu como um aprendizado, um rito de passagem, para lhe ensinar, através da consequência de seus atos, a ter mais discernimento, traçando sua transição de jovem imatura a mulher, o que lhe conferiu um novo olhar sobre si mesma e sobre a vida.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Pedagogia e educação).
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FONTES, Maria Miguel. **“Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas”**. 2016. Disponível em: <<https://blogs.uai.com.br/contaumahistoria/kalinda-princesa-que-perdeu-os-cabelos/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. Rio de Janeiro: Ática, 1990.
- LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004.

MACÊDO, Jhennifer Alves. **Do esquecimento ao protagonismo: as princesas negras na Literatura juvenil**. 2017. 86 f. Monografia (Graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PULLMAN, Philip. **Contos de Grimm: para todas as idades**. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RAMALHO, Denise. **Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas: resenha**. Disponível em: <<https://blij.catedra.puc-rio.br/index.php/2016/12/05/kalinda-a-princesa-que-perdeu-os-cabelos-e-outras-historias-africanas/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **África e Brasil africano: das narrativas orais ao reconto**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). **Conto e reconto: das fontes à invenção**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SISTO, Celso. **Bô sukuta! Kada kin ku su manera: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!** 2012. 440 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2012.

_____. **Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos, e outras histórias africanas**. São Paulo: Escarlate, 2016.

TATAR, Maria (Ed.). **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Tradução de Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**. Tradução de Maria Christina Penteado Kujawski. São Paulo: Paulus, 1985.